

Psicanálise IV

**"Estrutura da língua, estrutura da sociedade", de Émile Benveniste.
(Proferido como conferência em 1968, original publicado em francês pela Éditions Gallimard, Paris, 1974, em Problèmes de Linguistique Générale II; traduzido para o português, como capítulo integrante de Problemas de Linguística Geral II. Publicado pela Editôra Pontes, S.Paulo, em 1980).-**

• Tema do texto: a relação entre sociedade e linguagem.-

- Enquanto instituições universais[1], os estudos sobre a relação entre sociedade e linguagem geram a expectativa de uma correspondência total, ou pelo menos parcial. Entretanto, *"não se descobre de língua para sociedade nenhuma relação que revelaria uma analogia em sua respectiva estrutura"*.

- Argumentação demonstrativa: Línguas muito semelhantes servem a sociedades muito diferentes, e vice-versa. (Exemplos do leste europeu durante a vigência da União Soviética; exemplos da própria revolução russa e da revolução francesa. As mudanças deram-se apenas no vocabulário (léxico): após as respectivas revoluções, os morfemas "cidadão" e "camarada" se tornaram extremamente freqüentes (mas isso em nada mudou a estrutura das línguas russa e francesa).
- Sapir observa a mesma falta de qualquer correspondência entre complexidade da língua e complexidade da sociedade. (Expressão questionável: "complexidade da língua". Não há razão para supor qualquer diferença de complexidade entre línguas). Em relação à fala individual, um bom exemplo de Sapir: independentemente da condição cultural do falante (Platão ou "um guardador de porcos"), a estrutura da língua falada por ambos é absolutamente a mesma. As chamadas "norma culta" e a "fala popular" podem apresentar diferenças em termos da riqueza relativa de vocabulário, respeito às regras gramaticais (concordância, p.ex.), mas estruturalmente não há diferença.
- (Na famosa peça Pigmalião, de Bernard Shaw, um professor de inglês propõe-se ensinar uma florista do submundo londrino a falar corretamente a língua de Shakespeare. O professor acaba apaixonado pela aluna ... metaforizando talvez a rendição da "norma culta" à espontaneidade da gíria, muito mais criativa).

- Porém, não faltam os que defendem a correspondência entre língua e sociedade. Benveniste não dá ilustrações. Seria fácil encontrá-las: nos "dialetos" associados à diferenciação social, por exemplo. A "norma culta" e a língua do "povão". Pensemos novamente em 'Pigmalião', de Bernard Shaw, em que o professor de inglês, para ganhar uma aposta, ensina a vendedora de flores a falar o inglês "puro", da nobreza britânica, em vez do "cockney" (gíria) do *bas fond* londrino[2]. Apesar do processo educativo, a estrutura da língua permanece a mesma, independentemente das falhas de concordância exibidas pelo inglês da florista. O professor e sua aluna se entendem perfeitamente, embora cada um utilize seu "dialeto" social. Aqui, o critério de Chomsky é útil. Quando o receptor entende a emissão, por defeituosa que seja (erros de concordância, etc.), a frase do emissor é considerada gramatical.

Há um argumento anedótico, misturando características atribuídas a determinado povo (ou cultura), e a língua que ele fala. O francês seria romântico, o italiano exagerado, o inglês prático, etc. etc.

O argumento é resumido por Benveniste na seguinte frase: "*Mas outros autores afirmam, e é igualmente o óbvio, que a língua é - como dizem eles - o espelho da sociedade*". Isso se refere ao vocabulário, que de fato reflete a existência de objetos característicos: alimentação, vestuário, habitação, medicina, as inovações técnicas, as instituições característicos, os rituais, a terminologia das descobertas científicas (conceitos), as revoluções teóricas, as novidades da moda, etc. Mas estruturalmente a língua permanece a mesma. (Todas as línguas, recordemos Saussure, se estruturam em torno de quatro sub-sistemas: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica).

- A base da estrutura linguística. A língua é composta de "unidades discretas, finitas, combináveis e hierarquizadas". Discretas: fonemas, palavras, frases. Finitas (ou distintas): pontuação. Combináveis: fonemas, morfemas (palavras) e enunciados. Hierarquizadas: os quatro níveis da língua (de qualquer língua): fonológico (no "interior" do) morfológico (no "interior" do) sintático (no "interior" do) discursivo-semântico. Como as bonequinhas russas.
- A base social é constituída por sistemas de parentesco (em sociedades ágrafas) e o sistema das classes sociais (em culturas que ultrapassaram a fase de caça e coleta).

- Em princípio, não haveria nenhuma homologia (semelhança, relação) entre estrutura da língua e estrutura da sociedade.

A não correspondência direta e imediata entre língua e sociedade não deveria, porém, impedir uma reflexão sobre sua articulação. Para tanto, é preciso fazer uma distinção fundamental:

- Existem *línguas particulares* e a linguagem; existem *sociedades particulares* e a cultura.
- "*Operando esta primeira distinção, separamos em cada uma dessas entidades, dois níveis, um histórico e outro fundamental*" (E.B.).
- É no nível histórico que, conforme argumentação supra, estão situadas Língua e Sociedade, entre as quais não há qualquer relação. (O regime socialista vigorou em populações cujas famílias linguísticas eram tão distantes quanto o húngaro (fino-ugriana), russo, polonês [eslavo], o chinês (oriental), o espanhol ou o romeno (latinas); o capitalista se manifesta em culturas tão distantes como a européia-ocidental e a nipônica).
- Mas em nível estrutural (fundamental) há uma relação intrínseca entre linguagem e cultura. Eis as correspondências:
 - 1) Ambas seriam realidades inconscientes, no sentido de que não são escolhidas, não são alteráveis (não há como pensar uma humanidade que não viva em sociedade e que não fale uma língua vernacular, ou seja, própria). As línguas jamais são criadas intencional ou voluntariamente[3]. Sociedade e vernáculo [língua de determinada sociedade] são dados desde sempre. Jamais foi testemunhada a construção deliberada de uma língua ou de uma sociedade, a partir de um estado pré-linguístico ou pré-social[4].
 - 2) Língua e sociedade não poderiam não existir; são consubstanciais à própria humanidade, sem exceção. A humanidade existe como sociedade e não há sociedade sem vernáculo. Processos como revoluções (burguesa 1789 França, socialista 1917 Rússia) e conquistas (da América, África, Ásia, Oceania por espanhóis, portugueses, franceses, holandeses, ingleses - século XVI), produzem modificações quer nas instituições quer no vernáculo das sociedades aborígenes. Mas não abolem nem o estado de sociedade nem a língua.

Derivação importante dos pressupostos acima referidos:

A língua estabelece a identidade social tanto quanto a individual.

- Um povo pode perder seu território e conservar sua identidade através da língua (diásporas judaica e armênia, por exemplo). Outra ilustração, desta vez do "nascimento" espontâneo de um idioma: as línguas crioulas (o inglês havaiano, surgido de um pidgin, a partir da mescla do léxico de vários idiomas dos imigrantes, como o japonês, o filipino, o chinês, o malaio, o dialeto havaiano, o próprio inglês; ou o papiamento da Guiana holandesa: amálgama de holandês, dialetos africanos e portugueses).
- Em termos de origem, Benveniste parece subordinar a língua à sociedade. "*A língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana, ela se elabora pelo mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de produzir os meios de subsistência, de transformar a natureza e de multiplicar os instrumentos*; pg. 98). Aqui, comparar Benveniste e Lévi-Strauss, cuja posição é diferente. Para o antropólogo, a linguagem cria a cultura (conforme próxima aula).
- Mas, por outro lado, Benveniste postula uma relação sincrônica, que se daria semiologicamente. Na relação sincrônica (ou seja, num dado momento e não em termos de origem), a língua é que "subordinaria" a sociedade.
- Trata-se da relação do interpretante com o interpretado. A língua contém e interpreta a sociedade. A recíproca não é verdadeira.
- **É possível estudar uma língua sem conhecer a respectiva sociedade. A recíproca não é verdadeira. O estudo de grupos pre-históricos é obstaculizado pela ausência de testemunhos escritos. O conhecimento do Antigo Egito avançou notavelmente a partir da decifração da escrita hieroglífica. Sabemos muito mais acerca de sociedades que deixaram testemunhos escritos (desde que possam ser decifrados), do que sobre sociedades ágrafas.**

<http://www.franklingoldgrub.com>